OBRA PÚBLICA

PALCO DE DISPUTAS ESTUDANTIS NOS ANOS 60, A RUA MARIA ANTONIA SE ABRE PARA A CIDADE DE SÃO PAULO E PASSA A ABRIGAR UM COMPLEXO CULTURAL QUE INCLUI O INSTITUTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA (IAC) POR FERNANDO OLIVA FOTOS NINO REZENDE

Vista da fachada do edifício Joaquim Nabuco, que sedia o Instituto de Arte Contemporânea

A histórica rua Maria Antonia, no bairro paulistano de Vila Buarque (zona central), está ganhando um complexo cultural que pretende recuperar a inequívoca vocação pública da área. O Centro Universitário MariAntonia, que funciona há 15 anos no edifício Rui Barbosa, será ampliado, passando a incluir todo um novo prédio, o edifício Joaquim Nabuco - construção da década de 1920 que se encontrava em completo estado de abandono e que agora, depois de uma ampla reforma, já dispõe de duas salas de exposição e em breve vai abrigar um centro de pesquisa, um auditório e um café.

Neste contexto, acaba de nascer o Instituto de Arte Contemporânea (IAC), uma instituição sem fins lucrativos, sediada no primeiro andar do Joaquim Nabuco, que vai se dedicar à pesquisa, catalogação, preservação e exibição da obra de quatro nomes centrais da arte brasileira: Mira Schendel, Sérgio Camargo, Amilcar de Castro e Willys de Castro. Na ligação entre os dois prédios, como parte do conjunto cultural, serão inauguradas no dia 21 deste mês duas praças, uma delas totalmente aberta para a rua.

A empreitada deve muito ao professor de filosofia e crítico de arte Lorenzo Mammi. Em 2002, à frente do MariAntonia, ele promoveu a ocupação da instituição e de seu entorno, incluindo ruas, praças, escolas e bibliotecas, com trabalhos e intervenções urbanas de 60 artistas brasileiros. Inspirava-se no conceito de *genius toei*- que na Grécia antiga designava o "espírito do lugar" e na segunda metade do século 20 foi adotado pelo teórico italiano Aldo Rossi. A iniciativa se mostrou visionária por antecipar as bases conceituais do projeto arquitetônico do complexo, concebido pelo escritório Una, que acabou levando um prêmio na 5ª Bienal Internacional de Arquitetura, em 2003, e representou o Brasil na Bienal de Veneza de 2004.

Segundo Fernanda Barbara, uma das autoras do projeto, a questão da dimensão pública acompanha a história dos edifícios. Por isso, trabalhar a qualidade de seus espaços coletivos se revelou uma preocupação fundamental do Una. Houve também a intenção de estabelecer uma relação com a memória social, política e afetiva da região, que representa um marco para as lutas democráticas no Brasil e sediou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP entre os anos de 1949 e 1968. No dia 3 de outubro de 1968, o Rui Barbosa foi invadido por estudantes da Universidade Mackenzie e pela polícia, sendo parcialmente destruído. No episódio, que ficou conhecido como "Batalha da Maria Antonia", um estudante secundarista foi morto e universitários, baleados.

A arquiteta ressalta o fato de a praça aberta para a rua "convidar as pessoas a entrar", e lembra que o local é adequado à instalação de esculturas de grande porte - uma peça em aço de Amilcar de Castro, com 2,5 metros de altura e pesando 2 toneladas, já pode ser vista ali. Por sua vez, a praça inferior, mais abaixo, mas ainda na ligação entre os dois prédios, é arborizada e deve funcionar também como "um lugar de estar".

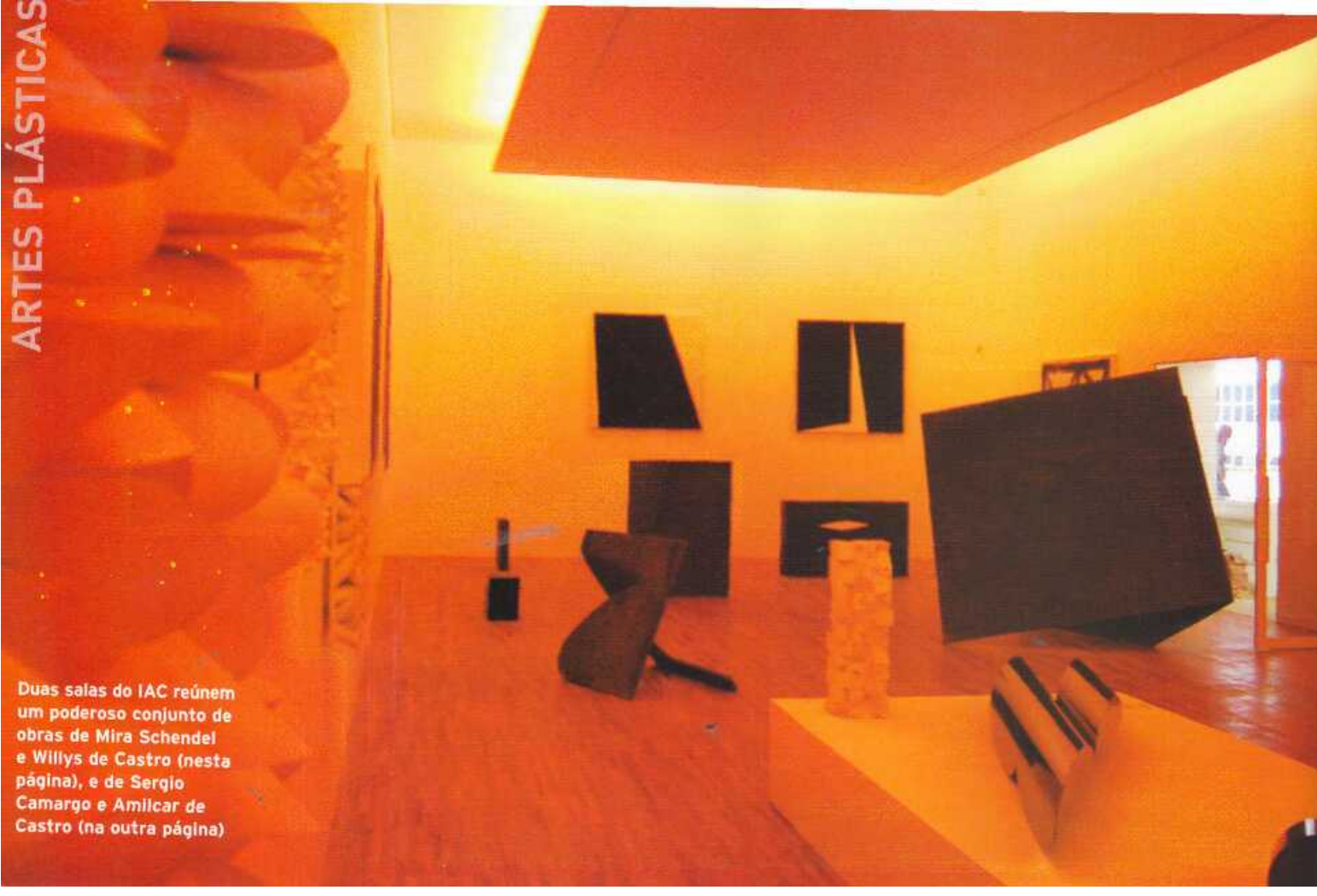
DUAS PRAÇAS FARÃO PARTE DO COMPLEXO CULTURAL. UMA DELAS VAI ABRIGAR ESCULTURAS DE GRANDE PORTE

O conceito das reformas caminha na direção contrária à tendência atual em São Paulo, marcada por propostas urbanísticas de fechamento e obstrução. "É possível identificar uma força contrária à transparência, no sentido de cercar os espaços privados e construir limites muito rígidos, cuja conseqüência é uma cidade mais violenta", afirma Fernanda. "Mas há exceções, claro, como o Masp e a marquise do parque do Ibirapuera, que possuem uma relação muito franca com a cidade."

LUGAR PARA O NOVO

Abrangendo uma área de 600 m^2, cedida em comodato pela Universidade de São Paulo, o IAC - do qual Lorenzo Mamml é hoje um dos diretores - tem a intenção de ampliar seu acervo. O nome de Luiz Sacilotto está entre os mais cotados para juntar-se aos de Mira Schendel, Sérgio Camargo, Amilcar de Castro e Willys de Castro. No momento, o instituto, apesar de operar em um andar do edifício Joaquim Nabuco ainda em reforma, já sedia uma exposição, que aproxima trabalhos desses quatro artistas, sob curadoria de Rodrigo Naves e Tiago Mesquita. A mostra é uma oportunidade de assistir ao embate entre peças históricas. Uma das salas reúne os relevos, "trombas" e a "baleia" de Sérgio Camargo (uma escultura de mármore negro, sem título, que pesa 1 tonelada); além de peças raramente exibidas de Amilcar de Castro, caso de uma "escultura de deslocamento", duas "telas de linha" (radicalmente gráficas) e *a* primeira pintura feita pelo artista, uma acrílica sobre tela dos anos 70. O outro espaço abriga criações de Mira Schendel (incluindo as célebres *Droguinhas, Trenzinhos* e *Sarrafos)* e de Willys de Castro (seus *Pluriobjetos* e *Objetos Ativos).* Segundo Mesquita, a curadoria teve a preocupação de evitar relações formais

De um dos espaços expositivos do IAC avista-se parte do primeiro andar do prédio, cuja reforma depende de patrocínios para ser concluída em abril de 2007



Duas salas do IAC reúnem um poderoso conjunto de obras de Mira Schendel e Willys de Castro (nesta página), e de Sergio Camargo e Amilcar de Castro (na outra página)

A CONCEPÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO LEVOU EM CONTA A MEMÓRIA POLÍTICA E AFETIVA DA RUA MARIA ANTONIA

imediatas ou por demais óbvias. "Na escolha e disposição das obras, elas devem informar, visualmente, quem foram estes artistas e de que maneira eles construíam seu pensamento estético", diz o curador.

O IAC surgiu também em razão do empenho de Raquel Arnaud, proprietária de uma galeria em São Paulo que leva seu nome e que há décadas trabalha com esses quatro artistas. Quando morreu Sérgio Camargo, em 1990, a família do escultor lhe delegou o espólio. "Foi quando decidi que deveria institucionalizar a obra do Sérgio, aglomerando em torno dela artistas da mesma geração e que eram amigos entre si, caso do Amilcar, da Mira e do Willys." Raquel Arnaud lembra que não existe no Brasil nenhum museu onde se possa ver permanentemente uma amostragem significativa da arte contemporânea brasileira. Segundo ela, o objetivo do IAC é se constituir em um lugar onde o público possa entrar em contato sistemático com a produção de grandes artistas nacionais, em dois movimentos paralelos: criar condições ideais de exibição para estas obras e proporcionar uma visão de conjunto, que permita estabelecer fricções entre elas.

Raquel tem atuado na captação de recursos para a finalização das reformas do complexo e para a manutenção do IAC. "Entre outras medidas urgentes, eu pretendo instituir o modelo 'sociedade de amigos', para que a instituição tenha uma renda constante e não dependa exclusivamente de incentivos fiscais", afirma ela, que revela já terem sido gastos até o momento R$ 2,5 milhões. O grande impulso inicial foi dado pela construtora Gafisa, que contribuiu com R$ 1 milhão. No momento os maiores patrocinadores são o Banco Fibra, Itaú, Credit Suisse e Cosipa. "Ainda faltam R$ 500 mil para concluir o primeiro andar, previsto para ser entregue em abril de 2007, e mais R$ 1 milhão para o térreo e a reserva técnica do subsolo." Com o IAC já em funcionamento, Raquel Arnaud continua de chapéu na mão.

ONDE E QUANDO

Instituto de Arte Contemporânea
(r. Maria Antonia, 258, Vila Buarque, São Paulo, SP, tel. 0++/11/3031-1571). De 3ª a dom., das 10h às 18h.

QUATRO NOMES PARA FICAR

TRABALHOS DE AMILCAR DE CASTRO, SÉRGIO CAMARGO, MIRA SCHENDEL E WILLYS DE CASTRO SERÃO BEUNIDOS, ORGANIZADOS E ESTUDADOS PELO IAC

AMILCAR DE CASTRO
(1920-2002)
Na década de 1950, o escultor brasileiro entrou em contato com as obras e o pensamento do artista suíço Max Bill e passou a se orientar pelos preceitos da abstração geométrica. Trabalhou como artista gráfico na revista *Manchete, Jornal do Brasil e Enciclopédia Britânica.* Em 1959, assinou o Manifesto Neoconcreto. Participou da mostra Konfcrete Kunst, em Zurique, 1960, e das Bienais de São Paulo de 1959,1961 e 1965. A Bienal do Mercosul de 2005 promoveu grande retrospectiva de sua produção.

SÉRGIO CAMARGO
(1930-1990)
É um artista do mundo. Nasceu no Rio, mas aos 16 anos já estava em Buenos Aires, onde estudou com Fontana. Aos 18, em Paris, freqüentou as aulas de filosofia ministradas por Bachelard na Sorbonne. Ainda na capital francesa, travou contato com a obra de Arp e Brancusi. Nos anos 60, estudou sociologia da arte com Pierre Francastel e produziu em dois ateliês, em Paris e em Massa (Itália). Protagonizou individuais nas principais capitais do mundo, tendo participado da 4" Documenta de Kassel, em 1968.

MIRASCHENDEL
(1919-1988J
Nascida na Suíça, Mira se mudou na infância *para Milão, onde estudou arte e, na juventude,* filosofia. Em 1949 imigrou para o Brasil. Em 1951 participou da 1" Bienal de São Paulo. Entre os anos de 1964 e 1974, concebeu as suas célebres séries *Droguinhas, Trenzinhos* e *Monotipias.* Em 1968, fez parte da 34" Bienal de Veneza. Os 1980 foram intensos para a artista; em 1987 ela deu origem a *Sarrafos,* sua última e importante série de produção sistemática.

WILLYS DE CASTRO
(1926-1988)
Começou a atuar tecnicamente na área de artes gráficas, mas aos 24 anos passou a criar desenhos abstrato-geométricos. Em 1954 fundou, ao lado de Hércules Barsotti, o Estúdio de Projetos Gráficos, que permaneceria ativo por dez anos. No *final dos anos 50 concebeu cenários e f*igurinos para o Teatro de Arena e o Cultura Artística. A Pinacoteca do Estado de São Paulo possui uma sala permanente com 43 obras de Willys.

Fonte: Bravo, ano 10, n.112, p.88-93, dez. 2006.